

# olhando para o abismo: um mergulho no *livro do desassossego*

looking into the abyss: a plunge into *the book of disquiet*

mauro luiz rovai<sup>1</sup>  
para olgária matos

## resumo

A proposta deste texto é apresentar e discutir algumas passagens da obra *Livro do Desassossego* (escrito por Vicente Guedes e Bernardo Soares), publicado pela primeira vez 47 anos após a morte de Fernando Pessoa. Embora o termo colapso não traga nenhuma entrada nos sistemas de busca on-line na obra do poeta (referimo-nos aqui ao Arquivo Pessoa e ao Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego), pretendemos aproximar certos elementos presentes nessas duas ideias – desassossego e colapso –, de modo a discuti-los contra um fundo sociológico e estético. Tomando como ponto de partida os sentidos figurados dicionarizados (como o on-line Aulete – “estado de crise, paralisação, ruína, desmoronamento...” – e o Houaiss – “derrocada, desmoronamento, ruína” – por exemplo), a ideia é problematizar, nessa obra de Pessoa (Soares-Guedes), a maneira como se constrói a ideia de desassossego e, se possível, aproxima-la ou distanciá-la das noções de colapsos e devires.

## palavras-chave

Livro do desassossego, Sociologia e Literatura, colapsos e devires, intervalo, abismo.

## abstract

*The purpose of this article is to present and discuss some passages from The Book of Disquiet (written by Vicente Guedes and Bernardo Soares), published 47 years after the death of Fernando Pessoa. Although the term “collapse” does not show up in online search systems in the poet’s work (here referred to as the Arquivo Pessoa and the LdoD Archive, a collaborative digital archive of The Book of Disquiet), we intend to bring together certain elements present in these two ideas – disquiet and collapse –, to discuss them against a sociological and aesthetic background. Taking as a starting point the figurative meanings present in Brazilian dictionaries (such as the online Aulete – “state of crisis, paralysis, ruin, destruction...” – and Houaiss – “debacle, disruption, ruin” – for example), we aim to substantiate how the idea of disquiet is constructed in this work by Pessoa (Soares-Guedes) and, if possible, bring it closer to or distance it from the notions of collapses and becomings.*

## keywords

*The Book of Disquiet, Sociology and Literature, collapses and becomings, interval, abyss.*

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. E-mail: mauro.rovai@unifesp.br.

## APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA E METODOLOGIA

Originalmente, a proposta da nossa apresentação no colóquio Literatura: colapso e devires<sup>2</sup> era discutir algumas passagens da obra *Livro do Desassossego* (escrito por Vicente Guedes e Bernardo Soares), publicado quase cinco décadas após a morte do poeta, e que teve sua última edição em 2023 (nada indicando que esta seja a última). Pretendíamos então tomar o desassossego como uma espécie de ruína a partir da qual poder-se-ia perspectivar, além do colapso e do esboroamento, os devires de certas configurações sociais.

Embora o termo colapso, palavra-chave e nuclear naquele nosso colóquio, não aparecesse dessa forma nas entradas dos sistemas de busca on-line<sup>3</sup> da obra do poeta ou do *Livro do desassossego*, nos pareceu razoável que, no desenrolar do texto que traria a nossa contribuição à discussão, procedêssemos à aproximação (ou, quem sabe, afastamentos) entre certos elementos presentes nessas duas ideias – desassossego e colapso –, de modo a discuti-las contra um pano de fundo sociológico e estético. Em busca de devires.

O procedimento parecia-nos justificado, pois os sentidos figurados dicionarizados para colapso (como “estado de crise, paralisação, ruína, desmoronamento...” ou ainda “derrocada” – encontrados no Aulete e no Houaiss, respectivamente) soavam, na nossa leitura, como desassossego, fazendo com que essa obra de Pessoa (Soares-Guedes) se apresentasse como uma espécie de convite para que o sociólogo pudesse explorar, das ruínas, devires<sup>4</sup>.

A tarefa logo mostrou-se grandiosa em virtude da imensa quantidade de textos que compõem a obra, o *Livro do desassossego*, e que se acumulam de 1913 até 1934, além de temerária, porque era difícil encontrar ali ponto de apoio para assentar a nossa hipótese, a de que, dos colapsos, poder-se-ia esperar devires. Em razão dessas dificuldades e dos universos que se abrem para debates a cada nova descoberta do livro, a cada nova leitura, a cada nova edição, aquela nossa pretensão, mesmo que escondida atrás de uma bússola que apontasse sempre para um norte sociológico e se propusesse a trilhar caminhos nos domínios das Ciências Sociais (e não da crítica literária), nos pareceu, ainda assim, fadada ao logro. Em outros termos, maior do que o anelo de escrever a respeito do desassossego pessoano, era a barreira que a nós se impunha em virtude da complexidade que aparecia com o avanço paulatino da leitura, pois estávamos diante de um texto – os do/s livro/s – que colocava em xeque noções como as de autor, uma espécie de tópica pessoana, mas também as de autores, leitor e leitores, livro, texto, gramática etc. Em face desse quadro, a percepção de malogro à vista foi um convite para que desistíssemos de ir além, como se o colapso que tencionávamos investigar no desassossego já lá estivesse esperando por nós, desnorteando nossa bússola, e o estudo acerca dos devires se esfumasse a cada avanço na leitura do livro. Como é possível notar, porém, não desistimos. E se não o fizemos foi porque a própria paisagem movediça criada pela obra foi uma espécie de chamado para continuar. Seguir sem a hipótese que nos servia de bússola – isto é, sem a acoplagem colapso-devires, em que os devires nos permitem vislumbrar para além dos desmoronamentos, procedimento heurístico que tem algo de reconfortante –, para nos deixar levar pelo risco: tentar construir uma ideia, nem que fosse mínima e pálida, de desassossego – isto é, orientarmo-nos pela leitura de um livro que, nele mesmo, é do, de, mas também em *desassossego*.

<sup>2</sup> O colóquio foi realizado nos dias 16, 23 e 30 de maio de 2023, no formato on-line. Nesse colóquio, o título da apresentação base deste texto foi “Litanias do desassossego. Estudos de Sociologia e literatura”.

<sup>3</sup> Os sistemas utilizados foram o Arquivo Pessoa (<http://arquivopessoa.net/>) e o LdoD, Arquivo Digital Colaborativo do *Livro do Desassossego* (<https://ldod.uc.pt/>).

<sup>4</sup> Referimo-nos ao *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009) e o *Dicionário Caldas Aulete* (on-line). No caso do termo devir/es, tomamo-lo também no sentido dicionarizado, em particular, na acepção de “vir a ser; tornar-se, transformar-se, devenir” (HOUAISS, 2009), em que a ideia dominante é a de mudança.

Tentemos deixar mais claro o tamanho do problema que nos obrigou a adotar tal cuidado.

O *Livro do Desassossego* não foi juntado, editado, corrigido e publicado por Fernando Pessoa. Não o foi também durante a vida do poeta (que, ainda vivo, foi mais conhecido pelo livro *Mensagem* e pelos poemas em língua inglesa que escreveu). O *Livro do Desassossego* foi publicado em 1982, quase 50 anos depois da morte do poeta, e nele encontramos escritos, reunidos por estudiosos, que datam de 1917 – ou 1913, se considerarmos “Na floresta do alheamento”, texto publicado em 1913, na *Revista Águia*, assinado à época por Fernando Pessoa, e que faz parte da composição do livro<sup>5</sup>.

Na Introdução ao *Livro do Desassossego*, feita por Leyla Perrone-Moisés, responsável por uma das edições da obra no Brasil (em 1986), ela observa que, ante as dificuldades de edição dos inéditos pessoanos, como “problemas de transcrição, de ordenação e até mesmo de atribuição de autoria”, o organizador que se propõe a editar a obra seria colocado diante de três opções: “1) apresentar os textos em ordem aleatória em que foram encontrados (...); 2) tentar ordená-los cronologicamente (...); 3) apresentar os textos numa ordem de leitura que fosse, aos olhos do organizador, preferencial”<sup>6</sup>. E para cada uma das opções, um livro diverso, sem que se pudesse nunca chegar ao “verdadeiro” *Livro do Desassossego* – verdadeiro no sentido de um livro que teria sido publicado sob os olhos de quem o escreveu<sup>7</sup>.

Nas palavras de Eduardo Lourenço, em *Fernando Rei da nossa Baviera*:

De súbito – embora estivéssemos prevenidos – surge um *texto* de Pessoa, de incerta, ou antes, lâbil inserção numa autoria narrativa assumida com aquele mínimo de coerência interna que permite distinguir um *livro* de uma miscelânea, mesmo quando não há dúvidas sobre sua autoria empírica, como é o caso. De livro *impossível* (...) tal como ele *existiu* para Pessoa (...) os compiladores e o organizador destes fragmentos fizeram o agora *livro real* que se chama precisamente ‘O Livro do Desassossego’<sup>8</sup>.

Ocorre, continua Lourenço, que este livro “é um texto que Fernando Pessoa nunca teve, material, fisicamente, diante dos olhos. Assim e só por isso *sendo dele é ainda mais nosso* do que normalmente são os seus outros textos. (...). E fechando o parágrafo:

Em suma, de uma caoticidade textual empírica, embora condicionada pela intenção expressa de Pessoa (quando existe), os editores fizeram *um* livro. Que mais não fosse, por isso, suscitaram um *desassossego* semântico e hermenêutico que nunca mais o largará<sup>9</sup>.

Para Jerónimo Pizarro<sup>10</sup>, na introdução da edição com a qual trabalhamos no momento, haveria pelo menos duas fases no *Livro do Desassossego*: a que chama de

<sup>5</sup> Teresa Rita Lopes, grande estudiosa de Pessoa, que também já editou o livro, diz no texto Livros do Desassossego – no Plural, que o livro foi “iniciado por volta de 1912” e que foi “o livro da vida” de Pessoa, “que ele foi segregando de si, desde os primeiros tempos de poeta em português até morrer” (LOPES, T. R. Books of Disquiet – In the Plural. Livros do Desassossego – No Plural. Abriu: Estudos De Textualidade Do Brasil, Galicia e Portugal, n. 5, p. 82, 2016).

<sup>6</sup> PERRONE-MOISÉS, L. Introdução ao desassossego. In: *Livro do Desassossego*. 3<sup>a</sup> Edição. 1989, p. 11.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 12.

<sup>8</sup> LOURENÇO, E. “O livro do desassossego”. Texto suicida?. In: *Fernando Rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993, p. 84.

<sup>9</sup> O texto de Lourenço, escrito em 1983, e que compõe o *Fernando Rei da nossa Baviera*, tem um título provocativo: “O livro do desassossego”. Texto suicida?. O organizador da edição do *Livro do desassossego* com a qual trabalhamos também traz a citação de Lourenço (PIZARRO, J. O grande livro de um sonhador. In: PESSOA, F. *Livro do desassossego*. São Paulo: Todavia, 2023, p. 10).

<sup>10</sup> Ibidem, p. 11.

“tardo-decadentista e de paisagens vagas” (1913 – 1920), e “a tardo-modernista e de paisagens concretas” (1929 – 1934). E seus dois autores, segundo indicação de Pessoa: Vicente Guedes, no primeiro período, Bernardo Soares, no segundo. E mesmo esse aspecto, o da autoria conferida a Vicente Guedes e Bernardo Soares, não é consenso, pois, como defende Teresa Rita Lopes: “O livro é três livros — assinados por três autores, perfeitamente diferenciados: o Primeiro, inicialmente por Fernando Pessoa que, a certa altura, nomeou Vicente Guedes seu representante, o Segundo pelo Barão de Teive e o Terceiro por Bernardo Soares”<sup>11</sup>.

Consoante a autora, “Vicente Guedes, Barão de Teive e Bernardo Soares, embora disponham da sua própria identidade, só em conjunto, em sucessivos livros separados, conferem ao *Livro(s) do Desassossego* o seu pleno sabor e alcance”<sup>12</sup>. E vai além. “Para bem fruirmos *O(s) Livro(s) do Desassossego*, temos que manter bem distintas as três personagens que perpassam por esse palco. Há que assistir, separadamente e sem os confundir, aos monólogos de Guedes, Teive e Soares”<sup>13</sup>.

Todas as colocações acima, isto é, a das três possibilidades de edição, a das fases e a da autoria (dupla, tripla), e a do desassossego “semântico e hermenêutico” já deveriam bastar para nos deixar assustados<sup>14</sup>. Como se fosse pouco, contudo, Tiago Ferro, no posfácio que dedica ao livro organizado por Pizarro, sugere que há duas maneiras de ler o livro, “abri-lo ao acaso e apreciar um fragmento aqui e outro ali”, modo que conduziria a leitura “para um entendimento específico da obra: pílulas filosóficas de extremo apuro estilístico a discutir as dores do estar no mundo”<sup>15</sup> e o modo “página a página”, afinal, diz o autor: “Para a nossa sensibilidade mutilada de habitantes do século XXI, é possível considerar, sem muita dificuldade, o *Livro do desassossego* como uma espécie de romance”<sup>16</sup>.

A primeira forma, “recomendada por vários críticos”, reconhece Ferro, faria de Pessoa um “Schopenhauer lusitano”<sup>17</sup>, cuja consequência, “como toda aposta no universal”, diz, “desterritorializa o livro e faz assim desaparecer suas tensões mais localizáveis no tempo histórico, e com elas a fatura mais ampla da forma literária desse sentimento de

<sup>11</sup> LOPES, T. R. Books of Disquiet – In the Plural. Livros do Desassossego — No Plural. *Abriu: Estudos De Textualidade Do Brasil*, Galicia e Portugal, n. 5, p. 79, 2016.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 80.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 81.

<sup>14</sup> Diz Caio Gagliardi: “Engendrando uma autobiografia sem fatos, Pessoa realizava, com uma acuidade psicológica, filosófica e estética inauditas, a prosa mais abissal de nossa língua.” E segue: “Tomado como objeto, como resultado, o *Livro do Desassossego* não é fruto autoral de Pessoa; ele decorre de um esforço crítico e filológico monumental, o qual resulta em inevitáveis variações de edição para edição. Essa é, portanto, obra conjunta de Pessoa e seus organizadores”. Para ilustrar a complexidade do trabalho de quem se põe a lidar com o material deixado por Pessoa, ver breve descrição de Perrone-Moisés: “desde o texto já impresso ou a página datilografada e revista, até o pedaço de papel rabiscado à pressa e quase ilegível; sem falar nas superposições transversais de caligrafia sobre datilografia, ou nos manuscritos com trechos dispostos nas quatro direções da página” (PERRONE-MOISÉS, L. Introdução ao desassossego. In: *Livro do Desassossego*. 3ª Edição. 1989, p. 10). Enfim, um “Desassossego semântico e hermenêutico que acompanha ainda o livro” e que se atualiza, como diz Pizarro, no arquivo digital colaborativo <https://ldod.uc.pt/>.

<sup>15</sup> Uma das pontes a ligar o *Livro do Desassossego* à filosofia de Schopenhauer poderia ser justamente o modo como *A arte de ser feliz* ganhou existência (ainda que se o filósofo alemão poderia ser visto como “um professor de pessimismo”, como diz Volpi, nem Guedes nem Soares se vissem como tal. VOLPI, F. Introdução. In: SCHOPENHAUER, A. *A arte de ser feliz*. Trad. Marion Fleischer (alemão); Eduardo Brandão (italiano). São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. VI). Como aponta Franco Volpi na Introdução ao *A arte de ser feliz*, as máximas contidas no Eudemonologia ou Eudemismo estavam dispersas no material inédito de Schopenhauer. Reuni-las, recompô-las e colocá-las no formato de um livro foi um trabalho realizado por estudioso(s) após a morte do filósofo (Ibidem, p. VIII, mas também p. XVI - XXII). Além disso, *A arte de ser feliz* vem na forma de Máximas (que bem combina com a caracterização dada por Ferro de “pílulas filosóficas”). FERRO, T. Um romance de Fernando Pessoa. In: PESSOA, F. *Livro do desassossego*. São Paulo: Todavia, 2023, p. 511.

<sup>16</sup> FERRO, T. Ibidem, p. 512.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 511.

desassossego, que só pode ser compreendido no enfrentamento dos mais de quatrocentos fragmentos”<sup>18</sup>. Tal enfrentamento, que constituiria a segunda forma, portanto, seria o ler “como uma espécie de romance”<sup>19</sup>.

Entretanto, pondera Ferro:

Se é certo afirmar que se trata de uma das melhores prosas do modernismo europeu, também é correto não ignorar seu caráter antirrealista, antecipador de boa parte da melhor arte produzida no pós-Segunda Guerra – e se chegamos a esse território, vale questionar: é tão importante assim que a organização final dos fragmentos não tenha sido feita pelo autor?, que a intenção de Fernando Pessoa nesse aspecto seja desconhecida?”<sup>20</sup>

Nessa linha, considerando que:

desassossego não tem a ver com pessimismo, mas com instabilidade, com a incapacidade de firmar posição; e essa instabilidade, que se observa de um fragmento a outro e dentro de cada um deles, mas também, em alguns casos, no interior de uma única frase, só pode ser justificada – e justificar algo que resta descobrir – se buscarmos sua cifra social<sup>21</sup>.

No entanto, diríamos, promover uma decifração social dessas “instabilidades”, que se traduz como “incapacidade de firmar posição”, como salienta Ferro, não faria a nossa tarefa (a de interpretar o intérprete de uma parte do século) falhada desde o início, justamente pelo gigantismo dela (afinal, trata-se de uma parte do século XX)? Além disso, de qual cifra social partiríamos: a de Fernando Pessoa, que são vários, ou a de um guarda-livros – que são dois, Guedes e Soares? E de qual parte da obra: a da “tardo-decadentista e de paisagens vagas” (1913 – 1920) ou da “tardo-modernista e de paisagens concretas” (1929 – 1934), conforme afirmou Pizarro<sup>22</sup>; e de qual fase dos escritos: a do período anterior “à criação dos grandes heterônimos”, a “em que nada é acabado nem datado (de 1913 – 1917 a 1929)” ou a de “fragmentos completos e datados (1929 a 1935)”<sup>23</sup>? Clivagens propostas não por Pessoa, mas por seus estudiosos?

Os entraves, porém, não paravam por aí. Além da instabilidade (no interior dos fragmentos), do desassossego hermenêutico, das épocas e das opções de edição, outro assunto incerto seria o dos heterônimos. Não porque cobrássemos de Fernando Pessoa se assumir sujeito do “drama em gente”<sup>25</sup>, pois, se assim fosse, todos os problemas estariam

<sup>18</sup> Ibidem.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 512.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 512.

<sup>21</sup> Ibidem.

<sup>22</sup> Ibidem.

<sup>23</sup> PIZARRO, J. O grande livro de um sonhador. In: PESSOA, F. *Livro do desassossego*. São Paulo: Todavia, 2023, p. 11.

<sup>24</sup> Leila Perrone-Moisés refere-se aqui às fases apontadas por Jorge de Sena, caso o livro fosse ordenado cronologicamente. Segundo a autora, Jorge de Sena foi “o primeiro que se ocupou desse material” (1989, p. 11). A ordenação cronológica do material, por seu turno, não foi a opção de Jacinto do Prado Coelho para a primeira edição portuguesa da obra, que preferiu “apresentar os textos numa ordem de leitura que fosse, aos olhos do organizador, preferencial” (PERRONE-MOISÉS, L. Introdução ao desassossego. In: *Livro do desassossego*. 3ª Edição. 1989, p. 11).

<sup>25</sup> Na Tábua bibliográfica (1928), Pessoa utiliza o composto “drama em gente” para se referir ao “conjunto dramático” produzido por “três poetas”, ou “feitas (...) por três nomes de gente – Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos. Cada uma dessas individualidades forma um tipo de drama; todas juntas, outro tipo. Nas palavras de Pessoa: “a [obra] heterónima é do autor fora de sua pessoa, é de uma individualidade completa fabricada por ele, como seriam os dizeres de qualquer personagem de qualquer drama seu”. No entanto, “é um drama em gente, em vez de em actos. (Se estas três individualidades são mais ou menos reais que o próprio Fernando Pessoa – é um problema metafísico, que este, ausente dos segredos dos Deuses, e ignorando portanto o que seja realidade, nunca poderá resolver”. Ver <http://arquivopessoa.net/textos/2700>. Dada a referência ao composto, nós o utilizaremos sem aspas a partir de agora.

resolvidos, afinal seria sempre a ele que estaríamos nos referindo, pessoa cotidiana, casada, fútil e tributável (ou “o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?”, para lembrarmos algumas palavras e um verso do poema *Lisbon Revisited* 1923), mas porque Bernardo Soares (e nem se menciona aqui Vicente Guedes ou o Barão de Teive) não é nem heterônimo, nem ortônimo. É, como sugere Leyla Perrone-Moisés, o intervalo. Personagem indeterminada que não fala por todos os outros, mas pela qual todos os outros falam, ainda que não com a força com que se manifestam comumente. Trata-se, diz a autora, de “condição intervalar”<sup>26</sup>, e assim não sendo nem Pessoa, nem o ortônimo, nem os heterônimos, Bernardo Soares mantém “perturbadoras semelhanças com todos eles”<sup>27</sup>. Inclusive com o Barão de Teive, o heterônimo que se suicidou em julho de 1920, afinal, como aponta Teresa Rita Lopes, “Durante uns dois anos, Teive e Soares coexistiram na imaginação de Pessoa — e, às vezes, na mesma página. Exprimiu-se através de ambos. Não era um nem outro, era os dois juntos — e não só!”<sup>28</sup>, dobrada que no Prefácio às “Ficções do interlúdio” assim aparece descrita: “O ajudante de guarda-livros Bernardo Soares e o Barão de Teive — são ambas figuras minhamente alheias (...)”<sup>29</sup>.

Na carta a Adolfo Casais Monteiro, dizia Fernando Pessoa que Bernardo Soares “é um semi-heterônimo, porque não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu, menos o raciocínio e a afectividade”<sup>30</sup> (Carta<sup>31</sup> a Adolfo Casais Monteiro *apud* Perrone-Moisés)<sup>32</sup>. E se Bernardo Soares tem um cais, o de ser semi-heterônimo, o que já é um apoio instável de partida, o que dizer de Guedes, prenome Vicente?

Perguntas para um Instituto de Pesquisa, não para um artigo, bem se vê. E ainda que seguíssemos as chaves de leitura propostas, aquela que faz de Soares-Guedes um Schopenhauer lusitano, em virtude do tesouro de aforismos acerca do cotidiano e da vida (de fundo filosófico, sentimental ou sociológico) presentes no *Livro do Desassossego*, ou como um romance do qual se desdobram tramas que não são tramas e personagens que não se firmam como tais, não escaparíamos do que a leitura nos traz a todo momento: uma personagem que por mais que se revele, mais se vela, assim se distanciando de nós, leitores; personagem que, em vez da sabedoria de um Schopenhauer lusitano, problematiza, a cada passo, a distância em si mesmo, e que a certo ponto descobre-se ninguém, alguém que se

<sup>26</sup> PERRONE-MOISÉS, L. A prosa do desassossego. In: *Fernando Pessoa, aquém do eu, além do outro*. 3<sup>a</sup> ed. Ver. e ampl. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 288.

<sup>27</sup> PERRONE-MOISÉS, L. A prosa do desassossego. In: *Fernando Pessoa, aquém do eu, além do outro*. 3<sup>a</sup> ed. Ver. e ampl. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 288. Ver também PERRONE-MOISÉS, L. Introdução ao desassossego. In: *Livro do Desassossego*. 3<sup>a</sup> Edição. 1989, p. 13-15.

<sup>28</sup> LOPES, T. R. Books of Disquiet – In the Plural. Livros do Desassossego — No Plural. *Abriu: Estudos De Textualidade Do Brasil*, Galicia e Portugal, n. 5, p. 92-93, 2016.

<sup>29</sup> Prefácio às “Ficções do interlúdio” (PESSOA, F. / SOARES, B. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Todavia, 2023, p. 508 – Anexo 9). Ver também: [https://ldod.uc.pt/fragments/fragment/Fr472/inter/Fr472\\_WIT\\_MS\\_Fr472a](https://ldod.uc.pt/fragments/fragment/Fr472/inter/Fr472_WIT_MS_Fr472a) . Acesso em 07/05/2024. A respeito da data do suicídio, citamos parte do verbete dedicado a Barão de Teive, escrito por Richard Zenith: “Sr. Álvaro Coelho de Athayde, 14.<sup>º</sup> Barão de Teive (segundo um trecho dactilografado; 20.<sup>º</sup> barão, segundo um manuscrito mais antigo), morador na Quinta de Macieira, nos arredores de Lisboa. É nesta quinta que se suicida, em 12/7/1920 (o autor, inicialmente, escrevera ‘1928’), depois de deixar o seu manuscrito na gaveta de um hotel, onde Pessoa vai encontrá-lo por mero acaso” (<https://modernismo.pt/index.php/b/474-barao-de-teive>

<sup>30</sup> PERRONE-MOISÉS, Leyla. Introdução ao desassossego. In: *Livro do desassossego*. 3<sup>a</sup> Edição. 1989, p. 9-37.

<sup>31</sup> Carta a Adolfo Casais Monteiro *apud* PERRONE-MOISÉS, Op. Cit., 2001, p. 288, também PERRONE-MOISÉS, Op. Cit., 1989, p. 13-14).

<sup>32</sup> A referida carta a Adolfo Casais Monteiro é datada de 13 de janeiro de 1935. Outra, a João Gaspar Simões, de 28 de julho de 1932, Fernando Pessoa afirma que Bernardo Soares “não é um heterônimo, mas uma personalidade literária”. As cartas podem ser encontradas em <http://arquivopessoa.net/textos/3007> e <http://arquivopessoa.net/textos/1087>, respectivamente. No arquivo LdoD, Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego, tais cartas podem ser vistas em [https://ldod.uc.pt/fragments/fragment/Fr722/inter/Fr722\\_WIT\\_MS\\_Fr722a\\_000](https://ldod.uc.pt/fragments/fragment/Fr722/inter/Fr722_WIT_MS_Fr722a_000) e [https://ldod.uc.pt/fragments/fragment/Fr721/inter/Fr721\\_WIT\\_MS\\_Fr721a\\_000](https://ldod.uc.pt/fragments/fragment/Fr721/inter/Fr721_WIT_MS_Fr721a_000)

extravia de si, vê-se dois, e, ainda mais inquietante, considera-se substituto de si... dentro dele mesmo, ou no interior do que chama de “mim”?

A personagem Bernardo Soares está assentada em um lugar também intervalar, entre o que se constrói no drama pessoano, a dos heterônimos, que não chega a ser, e o do *Livro do Desassossego*, dado que é o diarista. Ainda nas palavras de Leyla Perrone-Moisés:

Ora, o Livro do desassossego parece um diário íntimo, mas ele desmonta todos os protocolos e práticas que asseguram, a esse gênero, um leitor. É, primeiramente, texto duplamente fictício: uma ficção autobiográfica assumida por um diarista fictício. E, sobretudo, o texto não é narcísico nem sedutor. Apresenta-se, pelo contrário, como repulsivo (...). Não oferece ao leitor nenhum apoio, nenhuma compensação; nem fatos, nem conhecimento<sup>33</sup>.

Face a isso, como agir ante um livro que é, em si mesmo e pelo que o envolve, nascido fora do seu tempo e de fronteiras borradadas, um desmoronamento, um livro que é dele (Pessoa-Guedes-Teive-Soares-e-os-muitos-ecos-que-por-ali-falam), deles (editores) e nosso (leitores), livro que é, ao mesmo tempo, uma espécie de “desassossego semântico e hermenêutico”? Livro que nos coloca no horizonte desmoronamentos, tendo por terreno a prosa movediça que provoca um colapso compartilhado: o de autores, de personagens e de leitores do *Livro do Desassossego*?

Para confessar desde o início, não sabemos. Caminhamos até aqui, e continuamos não sabendo. E só não desistimos da tarefa a que nos havíamos proposto porque a vontade de prosseguir este pequeno estudo foi maior do que a prudência – que não é, como vocês o notarão, nosso ponto forte, sobretudo diante do drama em gente pessoano. E assim, não sabendo como começar as análises, nos confiamos aos cuidados que normalmente temos aprendido a cultivar quando diante de uma obra (livro ou filme): O primeiro, ir ao texto do *Livro do Desassossego*; o segundo, decorrente do anterior, não colocar como norte a pergunta “quem escreveu o livro?”. Isso não significa afirmar que Fernando Pessoa não imaginava que dos seus apontamentos um dia viesse a lume um livro – ao contrário, Pessoa é explícito em alguns dos apontamentos, indicando-os para compor o *Livro do Desassossego*, escrito por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros em Lisboa; além disso, o próprio Bernardo Soares se pensava escrevendo para leitores futuros, de outra época, ainda não vivos, sequer nascidos, quando se refere a gozar a fama futura, pois “o prazer da fama futura é um prazer presente – a fama é que é futura. (...) Eu, porém, que na vida transitória não sou nada, posso gozar a visão do futuro a ler esta página, pois efetivamente a escrevo (...)”<sup>34</sup>.

Muito menos ainda significa afirmar que Fernando Pessoa não existiu – porque a existência no drama em gente parece mais uma questão de “se outrar” do que com o problema da autoria, diga-se<sup>35</sup>. Tais cuidados, bem entendidos, não responderiam a nenhuma pergunta, mas nos ajudariam a reformular as questões que levaríamos ao livro, ao texto do livro, que é justamente o que nos intriga.

<sup>33</sup> PERRONE-MOISÉS, L. A prosa do desassossego. In: *Fernando Pessoa, aquém do eu, além do outro*. 3<sup>a</sup> ed. Ver. e ampl. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 296.

<sup>34</sup> PESSOA, F. / SOARES, B. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Todavia, 2023, p. 354.

<sup>35</sup> Nas *Ficções do interlúdio*, que aparece como Anexo II na edição de Jerónimo Pizarro, lemos que “Há o leitor que reparar que, embora eu publique (publicasse) o Livro do desassossego como sendo de um tal Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, o não inclui todavia nestas Ficções do interlúdio. É que Bernardo Soares, distinguindo-se de mim por suas ideias, seus sentimentos, seus modos de ver e de compreender, não se distingue de mim pelo estilo de expor. Dou a personalidade diferente através do estilo que me é natural, não havendo mais que a distinção inevitável do tom especial que a própria especialidade das emoções necessariamente projeta. Nos autores das Ficções do interlúdio não são só as ideias e sentimentos que se distinguem dos meus: a mesma técnica de composição, o mesmo estilo, é diferente do meu. Aí cada personagem é criada integralmente diferente, e não apenas diferentemente pensada. Por isso, nas Ficções do interlúdio predomina o verso. Em prosa é mais difícil de se outrar” (PIZARRO, J. O grande livro de um sonhador. In: PESSOA, F. *Livro do desassossego*. São Paulo: Todavia, 2023, p. 510).

Para tanto, não partimos da hipótese de que haveria colapsos (desmoronamentos) e devires (“tornar-se”, “chegar a ser”), sendo o primeiro, o colapso, a manifestação do passado no presente, e o segundo, o devir, futuros figurados ou reconfigurados (“o que vai ser”). Antes, o ponto de partida, alterado, redimensionado, foi tentar aquilatar menos o colapso compartilhado (de autores, de personagens e de leitores do *Livro do Desassossego*) e mais o modo como as imagens do movediço, do instável, do fluido se constroem na prosa. Em seguida, avaliar não o devir ou devires abstratos, mas aqueles em que o próprio livro parece sugerir como um cais seguro, isto é, no universo do texto do desassossego, e não no universo pessoano. Para deixar mais claro o meu ponto de partida, considerei explorar as noções de colapso e devires partindo do livro, da prosa de Bernardo Soares. Assim, fomos ao “intervalo” – termo que nos permite abordar o colapso, o intervalar como excesso (do ser) – e, no caso do devir, tentar compreender a dimensão de pertencimento na frase famosa, “Minha pátria é a língua portuguesa”, afeita a Bernardo Soares. Em outras palavras, como tanta instabilidade poderia desembocar em uma língua (mãe) que lhe serve de “pátria” (“terra natal, páter – pai?”)<sup>36</sup>.

Fixemo-nos, pois, na segunda fase do livro, aquela que diz explicitamente que o *Livro do Desassossego* foi escrito por Bernardo Soares, fingindo, portanto, que ao nos concentrarmos, metodologicamente, na seleção de escritos posteriores a 1931, teríamos enfim um ponto de apoio, como se o problema a ser resolvido fosse apagar Vicente Guedes e Barão de Teive, o Guedes e o Teive como autores. A boa notícia apegada a este procedimento é que iremos aos textos, que são belos; a má, é que isso será feito por um leitor que é sociólogo – que, em vez de propor abordagens sociológicas percuentes<sup>37</sup>, será guiado mais pelos seus hábitos sociológicos de investigação.

## DAS ANÁLISES

Mesmo semi-heterônimo-personalidade-literária, Bernardo Soares tem alguns dados de biografia. Ajudante de guarda-livros em Lisboa, perdeu a mãe com um ano e o pai com três anos de idade, o que o aproxima e afasta de Fernando Pessoa, que havia perdido o pai com cinco anos. Sabemos também que tem 1,70 e 61 kg<sup>38</sup>, sendo, portanto, mais baixo do que Álvaro de Campos (e também do que Pessoa), a quem não parece conhecer (afinal, como o guarda-livros da cidade de Lisboa conheceria um engenheiro naval estudado na Escócia, ainda que ele estivesse em Lisboa, em inatividade?). De Campos, porém, notamos certo parentesco espiritual, sobretudo quando explicita querer

---

<sup>36</sup> Ver <https://origemdapalavra.com.br/palavras/patria/>. Acesso em 17/05/2024.

<sup>37</sup> Para os interessados não no pensamento sociológico de Pessoa, mas na proposta de Sociologia do “poeta-sociólogo”, conferir os apontamentos presentes no livro de Álvaro de Campos – organizado por Teresa Rita Lopes - *Vida e Obras do Engenheiro*, sobretudo, p. 139–141. Não aprofundaremos as entradas com o termo “sociologia” no *Livro do desassossego*. Na biblioteca particular de Fernando Pessoa, como aponta o organizador (2023, p. 207, nota de rodapé 2) constava ao menos um livro de Jean-Marie Guyau (*L'art au point de vue sociologique*). Mais acerca da biblioteca de Fernando Pessoa, ver Patrício Ferrari 2009, p. 155–218. No que diz respeito à Filosofia, afora os nomes e teorias consagrados aos quais Pessoa cita, faz referência ou explora, interessante ver as conexões que José Gil aponta entre Pessoa e Deleuze, em particular, mas não apenas, com Bernardo Soares – cf. Nota introdutória: Pessoa com Deleuze. In: *Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 9–14. Ainda que, lembremos, Pessoa não era filósofo: “Eu era um poeta impulsionado pela filosofia, não um filósofo com faculdades poéticas” (<http://arquivopessoa.net/textos/2798>).

<sup>38</sup> PESSOA, F. / SOARES, B. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Todavia, 2023, p. 351. Por essa razão, e apenas para sermos fiéis às várias mediações realizadas até aqui, sempre que nos referirmos à obra (à segunda, a que aparece como de Bernardo Soares), nós a citaremos como Pessoa – Soares, 2023.

ter todas as sensações ou quando descreve o sentimento de que não é nada, ecoando os versos famosos da Tabacaria (1928)<sup>39</sup>.

Expressando-se pela prosa, a qual está mais próxima da realidade – afinal, diz, as pessoas não falam em versos –, afirma, a dada altura, que “Nunca fui senão um vestígio e um simulacro de mim”<sup>40</sup>, o que poderíamos ler, se não estivermos equivocados, como sendo alguém que não coincide com o que se é, embora se lhe assemelhe (e aqui a ideia de simulacro rutilaria), ou, em outra direção, que Bernardo Soares, por ser alguém que não sabe ao certo quem é, tem ao menos uma vaga ideia a respeito (e aqui fulgura a ideia de vestígio). Essas duas ideias parecem, contudo, aglutinar-se na passagem seguinte: “O meu passado é tudo quanto não consegui ser”<sup>41</sup>, em outras palavras, ou com as mesmas palavras, mas em outra ordem, é-se o que não se conseguiu ser. Isso faz do passado, mas também do sujeito, uma falha, um não conseguimento, ao mesmo tempo em que é, a seu modo, uma forma de ser, ainda que esse ser pareça projetado sobre um abismo, uma história – o passado – a qual não se reconhece no presente, a não ser vestígios, “vestígio de mim”. Daí que, na página 302, tenhamos um desconcertante “Somos quem não somos, e a vida é pronta e triste”.

Um pouco mais adiante, esse passado falhado, tempo do não conseguido, ganha cores de abandono, como em “Sou feito das ruínas do inacabado e é uma paisagem de desistências a que definiria o meu ser”<sup>42</sup>. Essa constatação forte, a de que não se é ruína do que um dia foi e teve concretude, mas ruína do que para sempre foi deixado inacabado, posiciona no centro da cena do desassossego termos como falha, desistência, ruína, palavras que parecem, então, expressar um ser por “aproximação”, ou à “véspera”, nos “arredores”<sup>43</sup>, palavras as quais povoam o texto do Bernardo Soares. Nunca, pois, se está inteiro, mas em ruínas; nunca se é contemporâneo de si mesmo, mas intervalo; nunca se está ajustado, mas um substituto de mim.

Perseveremos nesse recorte. Destaquemos um trecho da página 399: “Cheguei hoje, de repente, a uma sensação absurda e justa. Reparei, num relâmpago, num relâmpago íntimo, que não sou ninguém. Ninguém, absolutamente ninguém” [e mais abaixo, na mesma página e fragmento]: “Não sou ninguém, ninguém. Não sei sentir, não sei pensar, não sei querer. Sou uma figura de um romance por escrever, passando aérea, e desfeita sem ter sido, entre os sonhos de quem me não soube formular”<sup>44</sup>.

O trecho parece contraditório, considerando a seguinte convenção ou passos lógicos: para que alguém possa chegar a sentir uma sensação, devemos poder pressupor que esse alguém saiba sentir. A menos, porém, que quem sinta seja o “vestígio” e o “simulacro de mim”, intervalo habitado por “ninguém”, descrito como figura de um romance que ainda não foi escrito e que, quando o tiver sido, se um dia o for, a personagem não terá sido incluída na trama, dado que desfeita sem ter sido tecida, ou pensada, formulada, sequer

<sup>39</sup> Na leitura de Teresa Rita Lopes, Guedes seria o mais próximo de Campos, sobretudo em um aspecto nevrágico. Diz ela: “A austera secura de Teive opõe-se à loquacidade de Soares (que diz gostar de ‘palavras’) e à cultivada sensorialidade de Guedes que, assumidamente sensacionista, diz, como Álvaro de Campos, querer ‘sentir tudo de todas as maneiras’” (LOPES, T. R. Books of Disquiet - In the Plural. Livros do Desassossego - No Plural. *Abriu: Estudos De Textualidade Do Brasil, Galicia e Portugal*, n. 5, 2016, p. 80). Na edição com a qual trabalho, publicada em 2023, a frase “sentir tudo de todas as maneiras” está na parte de Bernardo Soares, página 272. A passagem é datada de “cerca de 23/03/1930”; um pouco antes, datado de 14/03/1930, diz, sobre a sensação que envolve um “cair esfiado” de água de chuva, “E não sei o que sinto, não sei o que quero sentir, não sei o que penso nem o que sou” (2023, p. 269). A respeito da distinção entre o sensacionismo de Guedes e Soares, ver também Teresa Rita Lopes (2016, p. 93).

<sup>40</sup> PESSOA, F. / SOARES, B. *Op. Cit.*, p. 300-301.

<sup>41</sup> PESSOA, F. / SOARES, B. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Todavia, 2023, p. 301.

<sup>42</sup> Ibidem, p. 331.

<sup>43</sup> Ibidem, p. 334.

<sup>44</sup> Ibidem, p. 399.

sonhada. Mais adiante, na página 404, o saber-se ninguém, porém, é menos absurdo do que a sensação de estranheza que o consome: “Se penso, tudo me parece absurdo; se sinto, tudo me parece estranho; se quero, o que quer é qualquer coisa em mim”<sup>45</sup>.

Tal estranheza é sápida para nós porque ela é caracterizada por Bernardo Soares como uma sensação que se manifesta nos textos que escreve, afirmado, peremptoriamente: “desreconheço-me neles”, de onde conjecturámos que, escritos por um ninguém que lhe é estranho, foi escrito por um alguém entre eu e mim. Habitante do intervalo. No intervalo. Prossigamos:

“Houve quem os escrevesse, e fui eu. Senti-os eu, mas foi como em outra vida, de que houvesse agora despertado como de um sono alheio”<sup>46</sup>, e vai além, contandonos que reconhece em trechos escritos na adolescência textos que parecem frutos de educação que teve tempos depois. Notemos, ele não apenas não se reconhece no que escreveu, mas reconhece no que escreveu o que deveria ter sido escrito hoje, em outro tempo, por uma pessoa com outra educação. Daí perguntar-se: “Como avancei para o que já era? Como me conheci hoje o que me desconheci ontem?”<sup>47</sup>, reforçando a ideia de que o estranho habita nesse intervalo, no desencontro; ninguém – estranho – que Bernardo Soares surpreende na escrita, como uma espécie de extravio de si, como se assomasse no que já era. Em suas palavras, “O que é este intervalo que há entre mim e mim? (...) A quem me substituí dentro de mim?”<sup>48</sup>.

Façamos uma pequena digressão por outra autora e texto para precisarmos esse ponto. No seu “Uma introdução a Mrs. Dalloway”<sup>49</sup>, feita pela própria Virginia Woolf, ela aponta como é “difícil – talvez impossível – a um escritor dizer qualquer coisa sobre sua obra”<sup>50</sup>. Tudo já teria sido dito, “da maneira mais completa, da melhor maneira que lhe é possível, no corpo do próprio livro”<sup>51</sup>. Da mesma maneira que uma pardoca com sua cria, “(...) depois de impresso e publicado, um livro deixa de ser propriedade do autor; este o confia ao cuidado dos outros (...)”<sup>52</sup>. Em suma, no espírito da metáfora, o livro publicado, isto é, aquele que, escrito, ganha asas e voa, é como se fosse expulso do ninho. Não pertence mais ao autor.

Voltemos a Bernardo Soares:

“Bem sei que é fácil formar uma teoria da fluidez das coisas e das almas, compreender que somos um decurso interior de vida, imaginar que o que somos é uma quantidade grande, que passamos por nós, que fomos muitos...”<sup>53</sup>.

Pode-se ponderar então que o *Livro do Desassossego*, não sendo publicado durante a vida de Fernando Pessoa, nunca teve o autor o sentimento expresso por Virginia Woolf, o de que o texto não mais lhe pertencia, pois estava o tempo todo em posse “dele” (o livro foi publicado meio século após a morte de Pessoa, lembremo-nos). Assim, mesmo a insistente nota ao longo da segunda parte do livro, a saber, aquela que diz, “Do ‘Livro do Desassossego’, composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de

<sup>45</sup> PESSOA, F. / SOARES, B. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Todavia, 2023, p. 404.

<sup>46</sup> Ibidem, p. 429.

<sup>47</sup> Ibidem.

<sup>48</sup> Ibidem, p. 430.

<sup>49</sup> A introdução acima referida é de junho de 1928. Ver WOOLF, V. *Mrs. Dalloway*. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 5.

<sup>51</sup> Ibidem.

<sup>52</sup> Ibidem.

<sup>53</sup> PESSOA, F. / SOARES, B. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Todavia, 2023, p. 430.

Lisboa', por Fernando Pessoa", escrita em 1931, embora apontasse destinação aos textos, textos de um outro, ainda não haviam sido publicados e, portanto, estavam sujeito às mudanças de ideia de Fernando Pessoa. Isso nunca o saberemos. O que sabemos, o que podemos saber, é que a sensação descrita acima é bastante singular, que Bernardo Soares assim expressa: "Mas aqui há outra coisa que não o mero decurso da personalidade entre as próprias margens: há o outro absoluto, um ser alheio que foi meu"<sup>54</sup>.

Em nossos termos, não é que o escrito ganha vida, voa e não pertence mais ao autor; não que o trabalho da escrita se objetiva, se exteriorize, ganhe vida e estranhe, depois de algum tempo, quem o escreveu, alguém que se transformou em outro, segundo a "teoria da fluidez das coisas e das almas". Trata-se de algo diferente, em que Bernardo Soares parece ler-se como a um "estranho", pois são textos:

que nem me lembro de poder ter escrito – o que me apavora. Certas frases são de outra mentalidade. É como se encontrasse um retrato antigo, sem dúvida meu, com uma estatura diferente, com umas feições incógnitas – mas indiscutivelmente meu, pavorosamente eu<sup>55</sup>.

A ideia de "pavorosamente eu" remete-nos ao título do livro, *Desassossego*, o inquietante surgido não pela fluidez da alma, que se torna outra, mas da presença de ninguém e de estranhos a sinalizar que "Nada possuímos, porque nem a nós possuímos"<sup>56</sup>.

Eis que chegamos enfim ao desassossego. "Há muito tempo que não existo. Estou sossegadíssimo. Ninguém me distingue de quem sou"<sup>57</sup>. Nessa frase, fica nítida a associação entre existir e sossego, que se materializa em uma espécie de fórmula lógica: não existir, estar sossegadíssimo; existir, desassossego. O *Livro do Desassossego* seria, portanto, um livro que trata da existência, da sensação de existir, da inquietude de saber-se intervalar lá onde deveríamos poder nos pensar plenos. De um passado que nos parece alheio, do qual se tem o simulacro ou os vestígios, e de um presente intervalar, habitado por um estranho, o futuro parece apresentar-se como tempo que esculpe ruínas inacabadas, tempo abandonado de investimento ("Não tenho esperanças nem saudades"<sup>58</sup> – mas uma espécie de demora, "Considero a vida uma estalagem onde tenho que me demorar até que chegue a diligência do abismo"<sup>59</sup>).

Daí talvez a presença no livro do ódio aos reformadores e aos revolucionários, ou dos que querem beneficiar as outras pessoas, mudar o mundo. Não praticar a outrem nem o bem e nem o mal: "É esta a minha moral, ou a minha metafísica, ou eu. Transeunte de tudo – até de minha própria alma -, não pertenço a nada, não desejo nada, não sou nada (...). Com isto, não sei se sou feliz se infeliz; nem me importa"<sup>60</sup>.

Nessa perspectiva, não é difícil compreender a razão de Bernardo Soares preferir a distinção não entre "burgueses e povo", estabelecida pelos revolucionários, mas a que contrapõe "adaptados e inadaptados"<sup>61</sup>, olhando a dificuldade não pelo prisma do mudar o mundo, mas a de saber viver nele (como o sabem, por exemplo, as pessoas, como as que trabalham no escritório, ou o chefe que tem, ou quem sabe, o Esteves, flagrado quando saía da Tabacaria, no poema de Álvaro de Campos). Tais personagens seriam "a Vida", com

<sup>54</sup> Ibidem, p. 430.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 431.

<sup>56</sup> Ibidem, p. 349.

<sup>57</sup> Ibidem, p. 351.

<sup>58</sup> PESSOA, F. / SOARES, B. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Todavia, 2023, p. 300.

<sup>59</sup> Ibidem, p. 208.

<sup>60</sup> Ibidem, p. 386-387.

<sup>61</sup> Ibidem, p. 214.

letra maiúscula, “a Vida, monótona e necessária, mandante e desconhecida. Este homem banal representa a banalidade da Vida. Ele é tudo para mim, por fora, porque a Vida é tudo para mim por fora”<sup>62</sup>. Mudar o mundo seria outra forma de habitá-lo, e mal.

Se alguma coisa odeio, é um reformador. Um reformador é um homem que vê os males superficiais do mundo e se propõe curá-los agravando os fundamentais. O médico tenta adaptar o corpo doente ao corpo sô; mas nós não sabemos o que é sô ou doente na vida social<sup>63</sup>.

No entanto, é bastante singular que a consciência do enfrentamento com esse intervalo – que sangra, inquieta, desassossega, existe –, esse desajuste, leve Bernardo Soares a formular, lá pelas tantas, que, não tendo sentimento político ou social, tenha, em certo sentido, outro, particular, o qual nomeia de “patriótico”. Citemos, aqui, do semi-heterônimo, essa passagem bastante conhecida:

Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que me não incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve em ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em que se bata, a ortografia sem ípsilon (...). Sim, porque a ortografia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida. E a gala da transliteração greco-romana veste-ma do seu vero manto régio, pelo qual é senhora e rainha<sup>64</sup>.

Se entendermos a sintaxe<sup>65</sup> como o ato de colocar junto, em ordem, arrumar, encontro da justa palavra na justa frase, em concordâncias e subordinações, o que seria o escrever senão uma forma de tratar bem o texto, a prosa, como uma tentativa de perseverar na existência, e que em vez de colmatar o intervalo, permite viver nele, em “desassossego”?

Essa ideia nos intriga, particularmente, sobretudo porque em Soares a ideia de uma “sintaxe errada” e “página mal escrita” parecem ser identificadas como ações que vão contra “à boa maneira dos clássicos”, a saber: “dizer o que se sente exatamente como se sente – claramente, se é claro; obscuramente, se é obscuro; confusamente, se é confuso –; compreender que a gramática é um instrumento, e não uma lei”<sup>66</sup>. Esse estilo, que é sintaxe, pois se trata de instrumento do qual se faz uso e não de uma lei à qual se obedece, remete a uma dimensão de espaço (pátria, terra) e de tempo (sentimento patriótico) no qual, com a qual, se diz do desassossego, do sentimento de desassossego. Ainda não chegamos lá, contudo. Em Bernardo Soares o tédio está associado ao caos – “O tédio é a sensação física do caos, e de que o caos é tudo”<sup>67</sup>. O tédio não apenas é “aborrecimento do mundo”, “mal-

<sup>62</sup> Ibidem, p. 406. Este homem, a que se refere Soares, é o patrão.

<sup>63</sup> Ibidem, p. 422.

<sup>64</sup> PESSOA, F. / SOARES, B. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Todavia, 2023, p. 383.

<sup>65</sup> “Ato de colocar em ordem, de arranjar, formada por SYN – ‘junto’” mais TASSEIN, ‘ordenar, arrumar’” (Origem da palavra - <https://origemdapalavra.com.br/palavras/sintaxe/>). Acesso em 17/05/2024.

<sup>66</sup> Ibidem, p. 291. Vale a pena ir ao exemplo que Bernardo Soares oferece acerca das “divisões legítimas e falsas” que faz a gramática, “definindo o uso”. Diz ele: “Se quiser dizer que existo, direi ‘Sou’. Se quiser dizer que existo como alma separada, direi ‘Sou eu’. Mas se quiser dizer que existo como entidade que a si mesma se dirige e forma, que exerce junto de si mesma a função divina de se criar, como hei de empregar o verbo ‘ser’ senão convertendo-o subitamente em transitivo? E então, triunfalmente, antigramaticalmente supremo, direi ‘Sou-me’. Terei dito uma filosofia em duas palavras pequenas. Que preferível não é isto a não dizer quarenta frases? Que mais se pode exigir da filosofia e da dicção? (...) Obedeça à gramática quem não sabe pensar o que sente. Sirva-se dela quem sabe mandar nas suas expressões.” (Ibidem, p. 292).

<sup>67</sup> Ibidem, p. 460.

estar” e “cansaço da vida”, ele é sensação física do caos (“de quem verdadeiramente somos filhos”, dado que “somos enteados de Deus”, como diz na página 249).

Ora, se tomarmos o caos no sentido de abismo, vazio, o aberto<sup>68</sup>, é a sintaxe, como disposição baseada em critérios, arranjo regrado, que se oferece como terra firme, habitada por palavras (vistas e ouvidas), frases, textos, uma possibilidade de arranjo frente ao aberto, ainda que provisório, pois a página bem escrita não apaga ou cura o desassossego. A pátria, aqui, é o desassossego vivido, no sentido de enfrentado, suportado, lugar ao qual se sente pertencer, um lugar fora do “mim”, pois, conforme vimos em Bernardo Soares, em “mim” há distâncias, aproximações, vésperas, vestígios, simulacro, desvio, substituições, estranhos habitantes. Intervalo. Excesso. Caos.

Escrever bem uma página é um esforço, portanto, e, destarte, se “escrever é esquecer”<sup>69</sup>, o esquecimento<sup>70</sup> não apenas requer trabalho, mas é uma forma, uma delas, de olhar o caos que nos habita.

Nesta nossa leitura, Bernardo Soares foi menos autor, diarista, personagem: foi o desassossego, a manifestação da existência em inquietude. Fomos ao romance, à prosa de um romance que, paulatinamente, nos coloca, no horizonte, no vir a ser, o colapso, o intervalo que nos excede e que nunca pode ser comunicado, partilhado – ainda que, com muito esforço, seja colocado em uma justa forma. No entanto, e aqui terminamos, considerando que, para Bernardo Soares, “a arte mente porque é social” e “a mentira é simplesmente a linguagem ideal da alma”<sup>71</sup>, considerando que a verdade é individual e intransmissível e por isso só nos entendemos com a mentira; talvez a arte, em vez de nos salvar do desassossego – um final feliz, que talvez não agradasse ao ajudante de guardalivros na cidade de Lisboa – nos afaste, antes, do sossego<sup>72</sup>.

Afinal, “nunca desembarcamos de nós. Nunca chegamos a outrem, senão outrando-nos pela imaginação sensível de nós mesmos”<sup>73</sup>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. *Minima Moralia*. Reflexões a partir da vida danificada. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992.
- CAMPOS, Álvaro de. *Vida e Obras do Engenheiro*. Introdução, Organização, Transcrição e Notas de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.
- CASTORIADIS, Cornelius. *Sujeito e verdade no mundo social-histórico*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

<sup>68</sup> Em Castoriadis, “Nada inicial e nada de significação: é o sentido original do termo ‘caos’ (*khainen*: estar vazio...)”. Ver CASTORIADIS, C. *Sujeito e verdade no mundo social-histórico*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007, p. 367 (também p. 366–369).

<sup>69</sup> PESSOA, F. / SOARES, B. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Todavia, 2023, p. 474.

<sup>70</sup> Seguindo as palavras de Cornelius Castoriadis, não penso no “esquecimento de base orgânica com substrato fisiológico, destruição dos traços mnêmicos. (...) Mas no sentido psíquico propriamente dito” CASTORIADIS, C. *Sujeito e verdade no mundo social-histórico*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007, p. 114.

<sup>71</sup> PESSOA, F. / SOARES, B. *Op. Cit.*, p. 396.

<sup>72</sup> Conquanto não seja de bom tom, ao concluir, trazer um autor antes nem sequer mencionado, diríamos que ao nos afastar do sossego, a literatura não escamoteia o sofrimento, o que nos remete à passagem de *Minima Moralia*: “Faz parte do mecanismo de dominação impedir o conhecimento dos sofrimentos que ela produz, e há uma linha reta que conduz do evangelho da alegria da vida à construção de matadouros humanos (...)” (ADORNO, T. *Minima Moralia*. Reflexões a partir da vida danificada. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992, p. 53-54, Aforismo 38).

<sup>73</sup> PESSOA, F. / SOARES, B. *Op. Cit.*, p. 347.

FERRARI, Patrício. A biblioteca de Fernando Pessoa na gênese dos heterônimos. In: **Fernando Pessoa: o guardador de papéis**. Jerônimo Pizarro org. Lisboa: Texto Editores, 2009, p. 155–218.

FERRO, Tiago. Um romance de Fernando Pessoa. In: PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. São Paulo: Todavia, 2023, p. 511 – 518.

GIL, José. Nota introdutória: Pessoa com Deleuze. In: **Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 9-14.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JUNQUEIRA, Renata Soares. Os desassossegos de Fernando Pessoa. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 202–215, 1999. DOI: 10.11606/va.v0i2.48794. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/48794>. Acesso em: 6 maio. 2024.

LOPES, Teresa Rita. Books of Disquiet – In the Plural. Livros do Desassossego — No Plural. **Abriu: Estudos De Textualidade Do Brasil, Galicia E Portugal**, v. 5, p. 79–93, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1344/abriu2016.5.6>. Acesso em: 06 maio. 2024.

LOURENÇO, Eduardo. O livro do desassossego. Texto suicida?. In: **Fernando Rei da nossa Baviera**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993, p. 83-95.

PESSOA, Fernando / SOARES, Bernardo. **Livro do Desassossego**. São Paulo: Todavia, 2023.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A prosa do desassossego. In: **Fernando Pessoa, aquém do eu, além do outro**. 3ª ed. Ver. e ampl. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 209-318.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Introdução ao desassossego. In: **Livro do Desassossego**. 3ª Edição. 1989, p. 9–37.

PIZARRO, Jerônimo. O grande livro de um sonhador. In: PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. São Paulo: Todavia, 2023, p. 7–14.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de ser feliz**. Trad. Marion Fleischer (alemão); Eduardo Brandão (italiano). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VOLPI, Franco. Introdução. In: SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de ser feliz**. Trad. Marion Fleischer (alemão); Eduardo Brandão (italiano). São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. V - XXII.

SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA FFLCH-USP. **Entrevista Caio Gagliardi: Hoje na história**. Por Alice Elias, 17/01/2023. Acesso em 06/05/2024.

WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012, p. 5 – 7.

## Fontes on-line

Dicionário online Caldas Aulete. <https://aulete.com.br/> Acesso 17/05/2024.

Origem da Palavra. <https://origemdapalavra.com.br/> Acesso 17/05/2024.

Arquivo Pessoa – Obra Édita (<http://arquivopessoa.net/>). Acesso em 17/05/2024.

PESSOA, Fernando. Tábua bibliográfica (1928). <http://arquivopessoa.net/textos/2700>

Carta a Adolfo Casais Monteiro (13 de janeiro de 1935). <http://arquivopessoa.net/textos/3007>

Cartas a João Gaspar Simões (28 de julho de 1932). <http://arquivopessoa.net/textos/1087>

Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego (<https://ldod.uc.pt/>). Acesso em 07/05/2024

Carta a Adolfo Casais Monteiro (13 de janeiro de 1935). [https://ldod.uc.pt/fragments/fragment/Fr722/inter/Fr722\\_WIT\\_MS\\_Fr722a\\_000](https://ldod.uc.pt/fragments/fragment/Fr722/inter/Fr722_WIT_MS_Fr722a_000)

Cartas a João Gaspar Simões (28 de julho de 1932). [https://ldod.uc.pt/fragments/fragment/Fr721/inter/Fr721\\_WIT\\_MS\\_Fr721a\\_000](https://ldod.uc.pt/fragments/fragment/Fr721/inter/Fr721_WIT_MS_Fr721a_000)

Prefácio às “Ficções do interlúdio”. [https://ldod.uc.pt/fragments/fragment/Fr472/inter/Fr472\\_WIT\\_MS\\_Fr472a](https://ldod.uc.pt/fragments/fragment/Fr472/inter/Fr472_WIT_MS_Fr472a)

ZENITH, Richard. Verbete Barão de Teive. Modern!smo. Arquivo virtual da geração de Orpheu (<https://modernismo.pt/>). In: <https://modernismo.pt/index.php/b/474-barao-de-teive> Acesso 09/05/2024.